

# ENTREVISTA

## Bernardo Kucinski: o jornalismo no Brasil é parte de um sistema de informação massificado e promíscuo

Dario Luis Borelli \*

Glória Kreinz \*\*

A Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo contratou, recentemente, como Professor-Colaborador, o Jornalista Bernardo Kucinski. A iniciativa faz parte do projeto do Departamento de Jornalismo e Editoração no sentido de enfatizar a formação crítico-profissional dos futuros Jornalistas e Produtores Editoriais, contando, para isso, com a colaboração docente de profissionais de competência reconhecida no mercado de trabalho.

“Não estou dando ainda um curso de jornalismo” — esclarece Kucinski — “mas participando do *Jornal do Campus*. Com muita segurança transmito aos alunos aquilo que aprendi na prática de fazer jornal, ou seja: as pautas, as matérias e o fechamento. Aí eu não tuteio. Estou me propondo a dar um curso, no próximo semestre, de *Jornalismo Econômico*. Eu acho que aí vai dar para sistematizar, não tanto o que aprendi sobre o jornalismo, mas o que aprendi sobre economia como jornalista.”

Nesta entrevista a Dario Luis Borelli e Glória Kreinz, editores assistente de INTERCOM — REVISTA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO, Bernardo Kucinski fala da sua militância jornalística na imprensa alternativa e nos veículos convencionais. Conta sua experiência como correspondente estrangeiro e dá sua opinião sobre a questão do

\* Bacharel em Jornalismo pela PUC de Campinas (SP). Mestrando em Ciências da Comunicação na ECA-USP.

\*\* Bacharel em Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero (SP), Mestre em Literatura Brasileira (USP), Doutoranda em Ciência da Comunicação (ECA-USP).

diploma de Jornalismo. Discorre ainda sobre os meios de comunicação e a Constituinte e explicita sua avaliação do Jornalismo na Nova República.

**INTERCOM** — *Você iniciou atividades de imprensa no decorrer do curso de Física que fez na Universidade de São Paulo?*

**Kucinski** — Eu sempre tive uma certa queda para escrever e já na Escola Técnica, antes da Física, fazia jornalzinho de parede, muitos jornais de movimentos políticos. Quando eu fazia Física houve uma limpeza política no ITA em 64, depois do golpe e expulsaram vários alunos, entre eles Raimundo Rodrigues Pereira. E o Raimundo veio para a Física, que recebeu essas pessoas, e lá nós nos conhecemos. Então eu já comecei a participar de algumas coisas um pouco mais importantes. Fizemos o jornal do *Grêmio* e outras publicações de contracultura ou resistência política. Em geral eram organizados por alguma coligação momentânea de partidos clandestinos e a gente fazia voluntariamente. Eu fazia pelo prazer de fazer jornalismo e pelo prazer que eu sempre tive de ter uma certa participação política sem estar engajado em nenhuma dessas organizações.

Em 1967, se não me engano, fizemos o *Amanhã*, um jornal que já vendia em banca e que foi um excelente jornal alternativo, um dos melhores. Eu não era da equipe central, mas trazia o meu artigo. O Raimundo era o cara central, o Antônio Carlos Ferreira também já devia estar com o Raimundo nesta época. E foi através do Raimundo que eu fui trabalhar, antes de me formar ou logo depois, não me lembro bem quando, na revista *Máquinas e Metais*.

**INTERCOM** — *Por que na Máquinas e Metais?*

**Kucinski** — Na Escola Técnica fiz um curso que se chamava Construção de Máquinas e Motores. Então eu tinha um certo conhecimento na área de metalurgia. Esta revista, que fazia parte de um grupo de revistas técnicas da Editora Abril (*Química e Derivados*, *Transportes Moderno*, *Máquinas e Metais*, *Médico Moderno*, entre outras) era muito bem produzida. Tinha um alto nível de profissionalismo superior ao que se fazia no Brasil na época porque tratava de assuntos frios que precisavam ser trabalhados jornalisticamente com muito apuro. A gente realmente aprendia a escrever gostoso, a bolar títulos gostosos, tinha muita reportagem, você ia nas fábricas, nos congressos, nos seminários, você estudava. Uma redação de melhor clima que sempre houve no Brasil, não havia competição entre as pessoas, isso eu nunca mais vi em lugar nenhum. Tanto assim que esse pessoal até hoje é muito amigo. O período das Técnicas ninguém esquece.

Eu já devia ter uns vinte e quatro ou vinte e cinco anos quando terminei o curso de Física. Quer dizer, eu era um pouco mais velho que o restante da turma que se formou. Achei que nunca ia ser um grande físico mas talvez pudesse ser um bom jornalista. Então continuei no Jornalismo. Porém, fiz uma ou duas tentativas de me encaixar como físico e não fui muito bem aceito, apesar de não ter sido mau aluno.

**INTERCOM** — *Quer dizer que você decididamente se tornou profissional de imprensa?*

*Kucinski* — Um ano e meio depois de trabalhar na *Máquinas e Metais* foi criada a revista *Veja*. Fizeram um enorme concurso nacional, um carnaval excessivo para as necessidades. E o Raimundo foi convidado pelo Mino Carta para fazer parte da equipe. Pouco tempo depois ele viu uma oportunidade de sair da área de Ciência, que cobria na revista, e entrar na de Política. Então ele me chamou para ocupar o seu lugar como editor-assistente de Ciência. Assim, saí da *Máquinas e Metais* e entrei direto na *Veja*, quer dizer, dei um salto muito grande. Na *Veja* eu fiz uma carreira meteórica, essas típicas do Brasil, que é você entrar como editor-assistente e logo depois de um ano passar a ser um dos quatro editores. A *Veja* tinha a seguinte estrutura: um editor, que era o Mino Carta e dois redatores-chefes. Todas as matérias passavam por eles antes de publicação. Mas a função deles era supervisionar, dando uma espécie de garantia final. Quem mexia muito mesmo eram os editores de área. Tinha o editor de Vida Moderna, Ciência, Cidade etc. Essa carreira meteórica se deu também numa ocupação do espaço meteórico por parte dessa turma do Raimundo. Era uma época pesada, pois havia a guerrilha urbana, a repressão e tal. Nós fizemos na época bastantes reportagens sobre tortura, que tiveram muito impacto. Duas reportagens de capa quando o Médici assumiu e um dossiê nacional também sobre tortura e foi onde a barra pesou, entendeu? A equipe teve que sair da revista porque sentiu que não tinha mais condições. Cada um seguiu um rumo.

INTERCOM — *Qual foi a sua opção?*

*Kucinski* — Em 1970, minha mulher precisou fazer doutoramento na Europa. Foi para a Inglaterra e eu fui atrás. O Raimundo saiu da *Veja* e entrou na *Realidade*, um tempinho só até amadurecer outros planos. Na verdade, ele já tinha planos de criar o *Opinião*. E justamente em Londres eu conheci o Fernando Gasparian e percebi que havia uma certa aproximação entre as suas idéias e as do Raimundo. Coloquei os dois em contato, então. Não participei das discussões que levaram ao *Opinião*, pois estava na Inglaterra. Mas colaborei muito com artigos, logo nos primeiros números.

INTERCOM — *Porém antes de você partir para a Inglaterra, concluiu algum trabalho?*

*Kucinski* — Quando nós saímos da *Veja* tínhamos feito aquele dossiê sobre tortura para usar nas matérias. Usamos, porém, muito pouco esse material. Então eu tive a idéia de fazer um livro denunciando as torturas. Escrevi este livro de maneira dolorosa, quer dizer, a gente fazia com medo de que qualquer hora entrasse alguém, entende? A minha mulher já tinha ido para a Europa. Fiquei para escrever este livro e também porque o meu pai estava doente. Eu escrevi este livro com o historiador Italo Tronca, que era jornalista e hoje é professor na Unicamp. Foi aí que ocorreu o primeiro atrito entre eu e o Raimundo, que não quis saber do livro. Achei muito estranho. Foi aí que se cortou o cordão umbilical. Tornei-me um ser independente jornalisticamente. Foi um desafio para mim escrever *Pau de Arara — A violência Militar no Brasil* (Editora Masperó, Paris, em francês; Editora Siglo XX, México, em espanhol. Não há edição em português.) Um jornalista muito conhecido do *Jornal da Tarde*, Luis Eduardo Merlino,

ligado a um grupo trotiskista, se interessou por este trabalho dizendo que tinha ligação com a Masperó, que poderia publicar o livro. Eu combinei de encontrar com o Merlino no Café Cluny, em Paris, na noite de Natal. Na verdade, nós passamos muitas noites escrevendo este livro. Depois eu fui para a Europa com o original na mala, meio apavorado. Isso deve ter sido por volta de setembro ou outubro. Na noite de Natal atravessei o Canal da Mancha pela primeira vez em minha vida. Encontrei o Merlino lá sentado. Quando ele voltou ao Brasil foi preso e assassinado pela polícia, em algum lugar da Baixada Santista. O livro já estava publicado. Este foi o primeiro livro sistemático que tentou analisar a questão da tortura e denunciar. Nós fomos para trás, até a Coluna Prestes, porque de lá surgiram tanto Filinto Milleu quanto Prestes. A gente analisava a evolução desse grupo, do grupo dos coronéis que conspiraram contra o Goulart. O livro tenta fazer uma análise histórica do tema, mas é mais um livro de denúncias. Contém, inclusive, os primeiros documentos de presos políticos denunciando torturas. O pessoal trazia este livro escondido no bolso. O atual correspondente da *Folha de S. Paulo* em Buenos Aires, Flávio Tavares, estava exilado no México, gostou do livro e fez uma edição dele em espanhol. Ficou excelente, melhor do que o nosso original, pois tem umas notas de rodapé boas, correções interessantes que ele acrescentou, enfim, ficou uma edição bonita e boa. Estas duas edições não foram publicadas no Brasil. Sofreram pelo fato de não terem assinatura. A gente não assinou, entende? Mas nós deveríamos ter inventado um pseudônimo, o que garantiria as referências.

INTERCOM — *Trabalhou mais em algum lugar?*

Kucinski — Antes de viajar para Londres eu também ajudei a fazer a revista *Bondinho*. Uma característica minha: sempre ajudar publicações novas. Acho interessante, é como nascer uma criança. A turma do *Bondinho* era muito boa e isso me motivou também. O Sérgio de Souza, esse pessoal todo, era muito criativo na forma e no diálogo. O erro do *Bondinho* foi ter aparecido cedo demais. Hoje seria a época boa para sair o *Bondinho*. Ele tinha a dose certa de convencionalismo e não-convencionalismo, quer dizer, uma revista formal mas refrescante, diria inclusive que de vanguarda naquele campo que queria cobrir, que era a cidade de São Paulo, o lazer, enfim, como viver bem em São Paulo. Hoje, isso é uma questão central para os paulistanos.

INTERCOM — *Como foi a experiência de exercer funções de correspondente de jornal e revista brasileira em Londres?*

Kucinski — Indo para Londres, fui com os contatos do *Bondinho* e também conversei com o Mino Carta sobre a possibilidade de mandar um volume modesto de correspondência à *Veja*. Eu sempre fui meio modesto com esse negócio de dinheiro. Achei que 300 dólares por mês, para aquilo que eu me propunha fazer, era o suficiente. O começo em Londres foi um período muito duro, porque realmente não fui com nenhum emprego nas mãos, mas tinha que fazer as matérias, mandar para o Brasil e ver se eles aceitavam. O *Bondinho* não tinha dinheiro para pagar matéria. Havia o pessoal da *Veja* e talvez o pessoal das Técnicas.

Londres oferecia um campo excepcional, todos os dias chegavam grandes artistas, grandes políticos, pessoas na tua mão para você entrevistar. A solidão lá era muito grande. Você não estava num ambiente de redação, tinha que fazer as coisas por conta própria ver se dava certo. A cultura inglesa é totalmente oposta à nossa: nós vivemos nas ruas e eles nas casas, temos uma escala de valores e eles outra. Isso aí provoca um isolamento muito grande em qualquer brasileiro que vai viver num lugar como Londres. O que não aconteceria na Itália, Espanha, Portugal ou em Nova Iorque, talvez. Eu trabalhava, ia atrás de assuntos, matérias e mandava para as revistas Técnicas e também para a *Veja*. Fiz muitas entrevistas interessantes nesta época: uma com a Bernadett Devlin. Entrevistava artistas, escritores, políticos. Fiz também três viagens à Irlanda do Norte, região conflagrada na época e isso foi um dos assuntos que eu não usei na medida do material colhido. Eu tenho material até hoje em casa que ainda não utilizei: entrevistas com líderes guerrilheiros feitas clandestinamente, entre outras. Eu trabalhava também na BBC de Londres, onde todo o brasileiro que chega trabalha, dá uma encostadinha. Eu trabalhei de todas as maneiras na BBC, *free lancer*, contratado, temporário. Eu acho que só depois de estar um ano e meio na Inglaterra é que me senti um pouco melhor.

Um grupo de ingleses que tinha criado uma agência de notícias na América Latina, que não havia dado certo, passou a utilizar o material que tinha na mão para fazer um boletim sobre a América Latina. Um dos editores deste boletim escreveu um artigo idiota sobre o Brasil. Eu escrevi uma carta meio raivosa contestando e criticando a posição liberal dele. Então a gente se conheceu através dessa briga. Depois, ele me convidou para escrever no boletim. Por indicação dele fui convidado por uma entidade americana para fazer uma pesquisa no Brasil sobre o consumo de medicamentos. Era um projeto para investigar como as multinacionais americanas da área de medicamentos e alimentos abusavam do mercado em vários países latino-americanos. Aí eu fiz um trabalho brutal, meio pesado, quer dizer, você tinha todo um trabalho de campo baseado no padrão norte-americano onde tem que anotar tudo porque depois o advogado pode processar e você tinha que ter as provas e tal. Fazer entrevista com profundidade, ficar cinco dias em uma cidade e depois em outra, levantando fontes. Foi um negócio tão interessante que até hoje o material que eu tenho ninguém tem. Doze anos depois, sabe? Não se faz isto no Brasil. Até por falta de condições econômicas, ninguém banca um cara para ficar um mês no trabalho. Os cientistas fazem isto porque tem outro ritmo, outra preocupação, entende? Com os jornalistas, as coisas são diferentes. Desta pesquisa saíram muitos artigos interessantes no jornal *Opinião*. Saiu, em seguida, um livro que se chama *Fome de Lucros*, que é sobre a atuação das multinacionais de alimentos na América Latina. Este livro, ao contrário do outro sobre torturas, teve uma grande influência, na cabeça dos médicos e dos sociólogos da área de saúde. Depois começaram a surgir outros trabalhos de médicos sobre esses abusos, sobre a medicalização da medicina. Este livro, enfim, ficou sendo uma referência.

Com isso eu entrei na área de saúde, da qual não saí até hoje, sempre escrevo sobre isso. Eu considero uma área fascinante, dramática no

Brasil, que reúne a possibilidade de você fazer trabalho de campo com um pouco de interpretação, uma área que permite você falar com pessoas interessantes, o que na área empresarial, por exemplo, quase não ocorre. Este livro eu pesquisei aqui no Brasil e escrevi na Inglaterra.

Quando eu comecei a escrever para o *Boletim Latin America* redigia em inglês. O editor queria que eu escrevesse em português e depois ele traduziria, porque o meu inglês era péssimo, só dava trabalho para ele. Mas foi uma das decisões mais sábias que eu tomei, porque foi através de tentar escrever em inglês que eu fui escrevendo, escrevendo e acabei em inglês mesmo. Este texto, por exemplo, da *Fome de Lucros* escrevi em inglês e hoje quando leio ele percebo que já estava bom. Isto me valorizou no mercado de uma maneira extraordinária, quer dizer, hoje um editor pode me telefonar de Londres, convidando para escrever alguma coisa e até falar na rádio que não tem problema. Eu reúno o domínio da língua com o conhecimento dos problemas do nosso território.

Um produtor da BBC me convidou para participar num documentário sobre a Transamazônia. Este filme foi complicado, pois foi feito sob muitos desentendimentos. O diretor, na hora de filmar, virava uma outra pessoa e ficava absolutamente intratável. Além do mais o filme já estava na sua cabeça antes mesmo de viajar para o Brasil. Eu viajei para o Brasil duas vezes a fim de fazer pesquisa, localizar a área e tal. Mas nada disso alterou o que já estava na sua cabeça. O meu papel era fazer pesquisa de campo, mas acabei redigindo todo o roteiro e diálogos e ele, num gesto bacana, me deu crédito no *script*. A minha contribuição foi também complicar um pouco o filme. Eu sempre complico as coisas, isso é uma característica do trabalho que faço. Acredito que as questões são sempre mais complexas do que parecem.

Um detalhe interessante do filme: quando nós estávamos em Marabá fui abordado por um cara ligado à guerrilha que existia na época, que poucos conheciam no Brasil, somente *O Estado de S. Paulo* tinha noticiado a existência daquela guerrilha na Transamazônia. Com certos cuidados que eu tomei, acabou-se propiciando um encontro. Nós fomos filmar o cara falando, mas não filmamos, porque o diretor alegou que se fosse filmar ele tinha que pagar uma multa à equipe por trabalho além de oito horas por dia, outra multa ao sindicato não sei porquê. E o diretor não topou. Mas o filme fala da existência da guerrilha numa cena de revistas de armas na estrada. Na época escrevi, três matérias sobre a guerrilha para o *Latin American Political Reporter*: uma sobre o famoso líder Osvaldão, outra quando eles soltaram um manifesto na região e depois uma quando ela acabou.

INTERCOM — *De volta ao Brasil, em 1974, você participa efetivamente, como editor especial, da criação do semanário Movimento, cuja experiência — os jornalistas mandarem na empresa que faz o jornal — de acordo com um dos membros do conselho editorial da época, não era nova, exótica ou vanguardista: "o Le Monde funciona assim desde 1944". Como caracteriza o momento?*

Kucinski — *Movimento* é o segundo capítulo do episódio que começou com o jornal *Opinião*. O jornal *Opinião* tinha um proprietário que era o Fernando Gasparian, da chamada burguesia nacional, progressista

e tal. Ele queria fazer um jornal de resistência ao regime. O editor era o Raimundo Pereira; ele e outros editores faziam um jornalismo engajado de alta qualidade, inclusive um padrão de jornal que é até hoje uma referência. As divergências entre a equipe e o dono foram se agravando no decorrer do tempo e se tornaram insuperáveis. Então a equipe teve que sair do jornal e, para superar essa divergência (patrão-empregado), a idéia natural era de um novo jornal dos próprios jornalistas. Este é o motivo pelo qual o *Movimento* nasceu como um jornal dos jornalistas, um jornal cujos proprietários eram os próprios jornalistas. Foi criado um sistema especial porque a lei brasileira é tão burguesa que dificulta a sociedade cooperativa. Você não pode fazer uma sociedade cooperativa no Brasil, é quase proibido. Então para você fazer um jornal cooperativo tem que registrar no INCRA. Isso é só um exemplo das dificuldades que você tem até para organizar formalmente a sociedade onde o próprio trabalhador é dono. Mas nós organizamos, vendemos cotas, as pessoas apoiaram e eu fui um dos fundadores.

Nos últimos oito ou dez meses que permaneci em Londres fui correspondente da *Gazeta Mercantil* e, por motivos que até hoje não estão muito claros para mim mesmo, achei que tinha uma obrigação moral de largar o emprego e participar do projeto, não apenas como um cara que vai lá, escreve e ajuda, mas realmente fazendo um sacrifício pessoal, financeiro, uma opção de carreira. Ou seja, interromper a carreira na imprensa burguesa convencional. Talvez achei que o pessoal do *Opinião* fez isso muito tempo e eu fiquei só colaborando por fora. O jornal *Movimento* foi infeliz desde o começo. Aquelas coisas que quando você faz de novo é uma caricatura do que você fez antes. Ele era o oposto do *Opinião* em tudo: não tinha classe, era feio e acima de tudo já nasceu sob censura. O jornal *Movimento* talvez seja o único jornal do mundo cujo n.º 0 foi censurado. Quando nós produzimos o n.º 0, que eram duas páginas com matérias escritas, foi logo censurado. Era uma matéria sobre depredação de trens e outra sobre o negócio da Petrobrás com os contratos de risco. Até hoje não sabemos se censuraram por causa dos contratos de risco ou da depredação de trens. Eles alegaram a depredação, mas nós achamos que foi a outra. Devido sobretudo a essa camisa de força da censura, o jornal *Movimento* já nasceu nas piores condições. As pessoas até hoje não entendem direito o que é um jornal sair regularmente sob censura. É um jornal que você não sabe qual vai ser a capa, não sabe se essa matéria vai sair ou não. É um jornal onde você produz seis, sete vezes mais do que se precisa e depois edita com os restos que sobraram da censura. Vai a Brasília e volta. É por isso que os donos dos outros jornais faziam de tudo para não cair nesses sistema. Aí se instalou a auto-censura que é a censura preventiva do próprio dono. Ele faz de tudo para não cair nesse sistema porque do contrário está estrepado. O *Movimento* sofreu muito com isso. Eu escrevi muitas matérias sobre indústria farmacêutica, que foram censuradas. Escrevi uma que foi censurada três vezes. No *Movimento* era uma coisa terrível. Então saiu feio, sob censura e canhestro. Não foi muito bem aceito pelo público. Isso aí não foi nada. Era apenas o começo.

Depois de algum tempo eu e outras pessoas fomos percebendo que havia coisas estranhas no jornal. Então começaram as divergências sobre a linha política do jornal. Divergências que o editor não con-

seguia resolver. Por exemplo, ele escrevia editoriais que se chamavam ensaios populares, cuja linha era nitidamente maoísta. Recém chegado da Europa eu tinha a convicção de que o maoísmo era uma degeneração brutal do radicalismo de esquerda. O maoísmo estava ligado com as forças mais reacionárias. Aliado, por exemplo, com a CIA em Angola. Esta foi a primeira divergência. Quando o MPIA. ganhou a revolução em Angola eu cheguei no jornal todo contente e falei vamos dar um *splash*, quer dizer, vamos fazer um carnaval e tal. Daí todo mundo me olhou de cara feia. Eu não entendi. Eles não conheciam nada de Angola, apenas achavam que o M.P.I.A. não representava as forças que deviam ser apoiadas porque tinha apoio soviético e tal. Forças boas eram as dos outros caras que tinham o apoio chinês. Eles não sabiam que Agostinho Neto era um grande líder de Angola e o movimento dele era representativo dentro de Angola, apesar de alguns problemas tribais. E o outro cara era apoiado pela CIA, qual quer um sabia disso, entende? E começou por aí. Mas o pior não eram as divergência. O pior é que elas não se resolviam. A gente até propôs que os ensaios populares fossem assinados pelo editor. Quer dizer, ele tinha um direito privilegiado no jornal porque de fato era o líder, mas que assinasse em baixo. E ele se recusava a isso. Então ficava um jornal em que a opinião não era a nossa.

O fato real é que o jornal era dirigido pelo P.C. do B., e alguns dos ensaios populares eram escritos por um líder do P.C. do B. que estava na cadeia. O editor cometeu o erro de misturar as coisas, entendeu? Você não pode por em risco a legitimidade de uma democracia interna em nome de uma linha partidária ou da hipótese de que você está resistindo ao regime. Ninguém está querendo tirar o espaço das pessoas, elas que escrevem o que bem entender, desde que assinem inclusive com pseudônimo se for necessário. A democracia interna foi violada, uma coisa parecida com o que aconteceu com o P.T. nesse episódio do assalto ao banco na Bahia, quer dizer, o sujeito dirige o seu jornal clandestinamente e ainda se arroga o direito de não permitir que você discuta o assunto, porque pode ter alguém escutando e vai dedar à polícia. O P.T. agora está discutindo como é que faz para esses caras saírem do Partido sem você dedar à polícia quem é do P.C. do B., quem não é, entendeu? Assim fica difícil.

O Movimento terminou em racha. O racha que na verdade é o da esquerda brasileira de hoje, ou seja, o racha dos que acreditam que o caminho do Brasil rumo ao socialismo passa por uma aliança com a burguesia e uma outra ala que acha que não, acha que as coisa não passam por aí, mas por um caminho de ruptura. Jornalisticamente o *Movimento* conseguiu dar uma contribuição, foi o único jornal que criticou o acordo nuclear, por exemplo, quando ele foi anunciado. O n.º 1 do *Movimento* trazia a pergunta: "Você é a favor do acordo atômico?" Nós pelo menos fazíamos a pergunta, tanto a oposição como a situação. Ele deu também contribuição em vários campos como no da dívida externa, depois teve uma fase em que entrou esse pessoal do Militinho, do Hafma e outros. Ele teve uma boa cobertura da crise no meio militar, já na época do Euler Bentes, se bem que ele cobriu isso com uma deformação de ótica.

INTERCOM — *Em seguida você participa de outro projeto muito importante de imprensa alternativa. Poderia comentar essa passagem?*

*Kucinski* — Do racha do Movimento surgiu o jornal *Em Tempo*, que representa — a esquerda que hoje se identifica com o PT. Eu inclusive fui o editor e fiz o projeto do jornal *Em Tempo*. Este jornal viveu uma crise das mais violentas que se possa imaginar. A primeira característica dele é não sofrer mais censura prévia, pois a situação estava mudando rapidamente, era visível a mudança no quadro político, só as pessoas mais raivosas é que não viam e eu achei que não tinha mais condições de o governo impor censura prévia. Achei também que o jornal tinha que ter tamanho grande, trabalhar um pouco mais o espaço e tal. Porém, ele saiu feio, canhestro, mas teve um certo impacto porque nós saímos com umas manchetes avançando o tratamento da notícia. Por exemplo, as primeiras manchetes eram assim: “Está em formação o Partido Socialista.” Todo mundo sabia que fulano tinha ido a Lisboa, que o Brizola, que o Chico Pinto mantinham intensas conversas, mas ninguém achava que isso era notícia, entendeu? Quando um movimento de esquerda é clandestino, sem a menor chance de influir nos acontecimentos, ele não é notícia, claro! A notícia é a do estabelecimento. Eu já estava percebendo que aquilo era notícia, que era importante saber que quando abrisse ia surgir um Partido assim, assado. A crise no meio militar também dava manchete. Isso tudo chamou atenção da imprensa convencional e eles começaram a perceber que realmente tinham que avançar. Então ele teve um pouco essa contribuição. Nós pegamos as primeiras grandes greves no ABC também e eu lembro que fiz uma grande entrevista com o Almir Pazianoto, uma página inteira sobre a origem da primeira greve. Mas o jornal quase que foi destruído pela *Libelu*. Nós pegamos nesta época o surto da *Libelu*, que tinha um aspecto positivo que era o democratismo e tinha o aspecto negativo que era esse próprio democratismo. Quer dizer, eu era editor e não podia editar porque tudo tinha que ser discutido. Então um dia eu descobri qual era o segredo: cheguei na assembléia e falei olha eu também quero o meu espaço. Algumas meninas choraram e aí eles me deixaram editar. Mas era aquele jornal que, às vezes punha manchete de cabeça para baixo, fazia umas coisas toda loucas, não criativas. Era uma loucura meia desengonçada. Formalmente era um jornal feio.

Ideologicamente foi pouco importante porque não deu uma contribuição ideológico-cultural significativa. O *Em Tempo* era constituído por um bando de radicais. Um dia eu cheguei e tinham puxado o tapete igual no Movimento. E o jornal acabou caindo nas mãos do grupo que é o da Social Democracia, trotiskistas. Depois este grupo ficou com o jornal e até hoje é deles.

INTERCOM — *Aonde você foi trabalhar em seguida?*

*Kucinski* — Aí eu fui trabalhar na revista *Exame*. Trabalhava no Boletim Análise, que era ligado à Editora Abril. Ao mesmo tempo em que eu trabalhava no jornal *Em Tempo*, fazia matérias de economia, finanças e tal. Era um trabalho bastante regular e intenso. Depois eu fiz para eles uma ou duas edições do *Brasil Exame*, que é um anuário econômico. Então fui convidado para trabalhar na revista *Exame*

e aceitei. Continuei fazendo esses anuários e matérias na revista *Exame* saiu muito boa, uma coisa caprichada em termos de metodologia e acabamento. O segundo já não ficou tão bom. Mas eles tinham um recurso vastíssimo, o que contribuiu para eu fazer matérias especiais sobre acordo nuclear, sobre agricultura etc.

**INTERCOM** — *O seu livro Abertura, história de uma crise (Editora Brasil Debates) surgiu nesta época?*

**Kucinski** — Este livro nasceu de um pedido de uma editora engajada lá da Inglaterra chamada *Latina American Bureau*, que faz livrinhos muito bons, alguns são verdadeiras teses de mestrado sobre a Bolívia, Paraguai e outros países. Então eles lá queriam um sobre o Brasil. Eu comecei a escrever novamente com o Ítalo Tronca, com quem eu já havia feito aquele livro sobre tortura. Este historiador fez uma parte introdutória sobre o movimento operário e depois eu fiz o resto. Isso foi publicado na Inglaterra. Eu resolvi então aproveitar a parte detalhada minha e publiquei aqui sob essa forma. Aliás eu comecei a escrever isso quando estava trabalhando na revista *Exame*.

Este livro é resultado da cobertura jornalística que eu fiz durante muito tempo para o *Latin American Newsletter*. Eu acompanhava o meio político, militar, tinha idéias sobre como as coisas aconteciam e tinha uma certa mania de procurar sempre uma relação de causalidade para os fatos.

**INTERCOM** — *Como é que surgiu para você a oportunidade de ingressar como professor-colaborador na ECA-USP?*

**Kucinski** — Esta idéia surgiu quase que por desespero, entendeu? Aliás, o sujeito só trabalha aqui pelo salário que recebe por um elemento de desespero também. Eu fui trabalhar na *Ciência Hoje*, onde eu já havia escrito muitos artigos com sucesso, inclusive aquele sobre Cubatão. Mas acabei brigando. A *Ciência Hoje* tem um projeto autoritário no sentido de que você é usado para o projeto político e não como parte do projeto político. É sempre a mesma história, entende? Fiz uma matéria sobre o Instituto Butantã, onde eu mostrava que a falta de soro era problema da decadência do próprio Instituto. Mas os cientistas, nos seus discursos consagrados, diziam que a culpa é do governo, principalmente do governo passado. Meteram a mão na minha matéria e eu briguei e foi por aí que eu acabei saindo.

Eu estava precisando de um espaço onde pudesse me realizar como editor, porque o meu potencial hoje é de editor. Estou um pouco cansado de escrever matérias. Eu tenho uma grande confiança em mim mesmo como editor, entende? Mas para fazer projeto e editar você precisa ser dirigente — e para isso eu não sirvo. A oportunidade na ECA-USP surgiu não como um lugar onde eu pudesse editar, mas um lugar onde eu posso fazer aquilo que o editor faz que é transmitir experiência. Eu achei que era uma boa e estou satisfeito, pois acho que está dando certo; os alunos, com aquele entusiasmo típico, estão gostando também e eu sinto que eles estão crescendo no *Jornal do Campus*. O trabalho está sendo interessante.

**INTERCOM** — *O que é Jornalismo para Bernardo Kucinski?*

**Kucinski** — O que eu falo é resultado de minha prática, que foi principalmente de um jornalismo engajado no sentido de que era um jor-

nalismo de oposição ao sistema vigente. Não era um jornalismo partidário, mas a idéia de se opor ao sistema de opressão vigente. Eu fiquei muito marcado por esse tipo de atitude desde que eu entrei no Jornalismo. Apesar de trabalhar muitos períodos em imprensa convencional eu sempre procurei onde estavam as coisas erradas e tal, até com uma insistência excessiva.

A outra fonte de inspiração para mim foi quando estava na Inglaterra e se deu o Watergate. Depois eu li um livro sobre o Watergate, um outro que eu também li e aquilo lá foi para mim uma grande escola de como é que tem que ser a reportagem investigativa, como é que tem que ser o Jornalismo. Quer dizer, o jornalismo quando se defronta com a mentira tem que cair de pau. O Watergate foi quando o jornalismo derrubou o sistema vigente, que era um sistema moralmente podre e o jornalismo foi expondo essa podridão.

O que existe de engraçado e gosto em ser jornalista é isto: justamente ser um Dom Quixote, poder ter esse direito único de ficar procurando as coisas erradas e denunciar. E não só coisas erradas que o governo faz, mas apontar também prá s tendências novas que as pessoas ainda não perceberam, de revelar personalidades importantes que as pessoas não sabiam que eram importantes e descobrir coisas interessantes, de informar uma descoberta maravilhosa qualquer que não havia sido informada. Mas sempre dentro do espírito de não ser parte de um sistema de opressão, de dominação e convencionalismo. E o que está acontecendo com o Jornalismo no Brasil é que ele é parte de um sistema de informação massificado e promiscuo. Hoje você vai cobrir um departamento do governo, alguma empresa e tem lá o jornalista para receber você. Formou-se uma promiscuidade que levou a um mascaramento da função do jornalista. A informação passou a ser uma atividade técnica. Você vai cobrir uma empresa que faz um projeto, ela organiza uma coletiva, um almoço e os jornalista vão lá e aquilo é apresentado e no outro dia sai tudo nos jornais. Mas ninguém tenta descobrir se esse projeto é socialmente bom, se os incentivos fiscais não são escandalosos ou qual é a mutreta que está por trás disso ou se não há mutreta nenhuma. Fica só naquilo e isso só para falar do campo da economia.

Por outro lado, há dificuldades objetivas, quer dizer, o país é tão avacalhado, tão desmoralizado que aqui por exemplo o Watergate é um negócio que não pega. Os Estados Unidos também é uma sociedade selvagem, mas em outros termos. Digamos, para simplificar, que lá convivem um sistema civilizado com um sistema selvagem. O que eu quero dizer é o seguinte: nos Estados Unidos você notícia que o Presidente tinha mandado um amigo levar 100 mil dólares, num saco de papel, para entregar não sei aonde ou que tinha pedido para uns agentes arrombarem as portas da sede de outro partido, visando descobrir o que estavam falando, ocorre a sua queda. Agora, no Brasil, nada disso levaria a queda de um Presidente. Aqui você tem o tempo todo situações deste tipo como se fossem parte normal da vida. Então isso desarma muito o jornalismo de denúncia, pois as pessoas estão carecas de ver isso. Uma coisa que mais me escandalizou recentemente foram esses assassinatos de líderes rurais. Vários deles eram membros do PT. A imprensa quase não noticiou porque virou uma rotina. Quer dizer, assassinar um presidente do Sindicato Rural não sei aonde, com um tiro na cara é uma rotina. Como é rotina assassinar pessoas

que se pensam ser bandidos ou a polícia assassinar menores, tudo é rotina. Quando eu trabalhava na Gazeta Mercantil dizia o seguinte: a grande manchete de jornal hoje em dia é uma manchete sobre a estrada que foi construída no tempo certo, passou pelos lugares que tinha que passar e ninguém levou grana para construir. Quer dizer, a notícia de uma coisa que foi feita simplesmente do jeitinho que tinha que ser feita.

Esse tipo de jornalismo de você ficar denunciando podres, ir atrás do que está errado, não tem espaço porque está tudo podre, compreendeu? O Caso Baumgarten, por exemplo, não foi para frente por causa disso. Os outros casos que os jornalistas tentaram carregar também não foram para frente. É isso aí.

#### INTERCOM — *E sobre imprensa e Nova Constituinte?*

*Kucinski* — Bom, eu acho que aí o que a gente tinha que tentar de novo é a tarefa impossível: democratizar os meios de comunicação através da Constituinte. Eu acho que nós deveríamos lutar pela criação de mecanismos que permitam a democratização dos meios de comunicação. Primeiro, que limitem a ação dos monopólios como existe em outros países: leis que proibam a um único grupo econômico ser proprietário de mais do que um certo número de veículos, leis que proibam a vinculação de grupos econômicos e financeiros com proprietários de veículos, enfim, quebrar o monopólio. Isso seria uma coisa factível numa Constituinte.

Há outra coisa: os mecanismos que assegurassem a democracia nas redações. Primeiro, as garantias do trabalhador de redação de não ser demitido, a garantia de ter os seus conselhos, a garantia de participar da direção das empresas. Tudo isso democratiza muito a imprensa. A garantia também do direito à sua liberdade de expressão enquanto é trabalhador no veículo.

E um terceiro capítulo de coisas que poderiam ser feitas é o seguinte: seria a criação de estímulos ao surgimento de órgãos de imprensa alternativa, na linha desse projeto que o Celso Furtado quer fazer de estímulos para a cultura. Eu acho inclusive que ele já deveria ter colocado isso. Quer dizer, você é estimulado a ter meios de comunicação como indivíduo, entidade, associações de classe, as pessoas são estimuladas para que proliferem os meios de comunicação. Principalmente no campo da televisão eu acho que isso aí deveria ser compulsório. Eu acho que deveria ser compulsória a existência de canais alternativos. Toda a cidade brasileira deveria ser obrigada a ter um canal com horários abertos a grupos alternativos e coisas desse tipo. Existe país que tem isso. Eu acho que estas são as principais tarefas.

#### INTERCOM — *O que você considera imprensa alternativa?*

*Kucinski* — Eu chamo alternativa hoje não aquilo que se chamava naquela época. Hoje eu chamo alternativa simplesmente veículos que ampliam o espectro ideológico e cultural, que dê uma visão alternativa do que se passa. Porque hoje você só tem veículos de direita, são variações em torno da direita, do conservadorismo, dos interesses das classes dominantes, dos poderosos. Para mim, se surgir amanhã um projeto empresarial, mas que tenha uma proposta cultural ou ideológica à esquerda, para mim já é alternativa. Há esse projeto do

*Retrato do Brasil*, do Raimundo Pereira que é um projeto alternativo, neste sentido que eu digo. Curiosamente ele tem um grande apelo institucional porque está sendo apoiado por parte do governo. Em parte é uma reprodução do que aconteceu na época do Getúlio — Getúlio já eleito e não ditador — quando ele tinha toda a imprensa contra e, então, estimulou a criação de *Última Hora*. Eu vejo essa similaridade.

O *Pasquim* é um jornal espiritualmente morto. Não avançou no tempo. Tem esse *Planeta Diário*, que eu acho um jornal interessante, bem dentro do espírito da imprensa alternativa, quer dizer, uma coisa pequena, combativa, não tem medo de impor os seus próprios valores, seus próprios preceitos. Eu pessoalmente não acho que tenha um grande futuro, é mais uma coisa de momento, entendeu? Depois eu não vejo mais nada de alternativo por aí.

**INTERCOM** — *Você acredita que a não obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão de jornalista beneficia o jornalismo? Ou não? Por quê?*

*Kucinski* — Do jeito que você colocou a pergunta eu não gostaria de responder, entendeu? Eu não sei se o fim do diploma vai beneficiar o jornalismo, isto é uma questão de profecia. Ele pode desorganizar tanto a profissão que acaba não beneficiando. Mas o diploma não tem nada a ver com isso. Ele foi apenas uma maneira de organizar a profissão e a sua retirada é uma maneira de desorganizar. Eu sempre vi o diploma como uma aberração, mas não sob essa ótica. Eu sempre achei que o diploma não é necessário do ponto de vista da capacitação cultural do profissional do jornalismo. Eu estou vendo pelos currículos que as escolas de Comunicação estão monopolizando a cabeça do aluno durante quatro ou cinco anos sem colocar lá dentro um conteúdo que precisaria colocar para ele ser jornalista. Nos outros cursos, os alunos estão recebendo uma carga de conhecimento histórico e cultural. O aluno, para ser jornalista tem que aprender um pouco da História Contemporânea, tem que ter cadeiras básicas de Economia, de Filosofia, de uma Língua Estrangeira e outras coisas. Isso ao nível universitário. Os outros alunos têm e ele não pois fica aprendendo aqui coisas de Semiótica, a Teoria disso ou daquilo. São teorizações sobre o jornalismo, mas ele não sai daqui com uma carga cultural, política, sociológica, filosófica de nível universitário. Eu acho que é urgente a reformulação do currículo. E as matérias que nós estamos pautando agora no *Jornal do Campus* visam isso, ou seja, estamos pautando matérias de economia para o aluno já começar a entrar nesta área. Não só materinhas que ensinem a técnica de fazer reportagem, mas que já obriguem o aluno a estudar aquela questão um pouco.

Eu sou da opinião de que essa questão do diploma está sendo colocada de maneira desonesta, com segundas intenções pelos proprietários dos grandes órgãos de imprensa. Eu estou absolutamente convencido de que eles estão colocando isso agora como um exercício de diversionismo para atrair, sugar, esgotar todas as energias dos jornalistas em cima dessa questão do diploma, além de que isso divide a categoria e eles estão tendo um grande sucesso nisso. Tanto é assim que a minha tese é que isso não deveria ser discutido por nós. De-

veríamos jogar essa discussão: como democratizar os meios de comunicação. Dentro disso, pode até se colocar a questão do diploma. Eu estou convencido de que os donos de jornais jogaram essa discussão agora como jogam um pedaço de carne ao cachorro quando querem assaltar uma casa. E nós fomos correndo naquele pedaço de carne.

*INTERCOM — Você acha que fizeram isso porque os jornalistas estão avançando nas suas reivindicações de melhoria das condições de trabalho?*

*Kucinski —* Talvez exista pessoas que acham que não é só por causa do medo da Constituinte que eles jogaram isso. Mas também porque eles querem rebaixar salários, desorganizar a categoria. Eu não estou muito convencido disso. Você tem editores de jornais ganhando 20 mil cruzados por mês, mas a massa dos jornalistas não ganha isso. Em segundo lugar, se você traduzisse em dólares, nem os salários dos editores são altos. Porque 20 mil cruzados hoje em dia no câmbio paralelo são mil dólares, que é um salário baixíssimo para um editor. São salários baixos porque historicamente os salários no Brasil estão deprimidos, estão arrasados. Hoje, no Brasil, nós vivemos num regime de super-exploração da força de trabalho, inclusive da força de trabalho intelectual. Os patrões podem aguentar esses salários tranquilamente e eu tenho a impressão de que a viabilidade econômica dos órgãos de imprensa não passa pela questão salarial, mas por outras questões, entendeu? Talvez passe pela questão da modernização, do uso dos meios eletrônicos.

*INTERCOM — O uso dos meios eletrônicos nos jornais é uma das transformações que você distingue na imprensa brasileira atualmente?*

*Kucinski —* Essa nova tecnologia de você compor a sua matéria no teclado eletrônico que tem memória e que também diretamente com as máquinas de composição e tal, eu acho que é realmente uma revolução. Eu trabalho com uma maquininha desta já faz quase um ano. Sinto essa revolução pois se a minha máquina quebrar estou frito. O Aguinaldo Silva fez um anúncio correto: a relação sua com o aparelho fica sendo uma relação lúdica. Você brinca com o aparelho. Você constrói o pensamento ao mesmo tempo que constrói a frase, você vai modificando o pensamento, muda de idéias, desloca, depois você imprime. E a máquina de escrever, comparando com esse tipo de processo, é a mesma coisa que o arado puxado a boi e a colheitadeira que já colhe o trigo e já ensaca. Não tem comparação: a mente fica livre, a imaginação desata, começa voar numa maquininha dessas porque você está brincando, pensando e compondo, entende? Enquanto na máquina comum você fica preso às palavras que já datilografou.

*INTERCOM — Você está tendo oportunidade de sistematizar os conhecimentos e experiências adquiridas na prática jornalística e transmiti-los aos estudantes de jornalismo da ECA-USP?*

*Kucinski —* Não estou dando um curso de jornalismo, mas participando do *Jornal do Campus*. Estou transmitindo, com muita segurança, aquilo que eu acumulei na prática de fazer jornal: as pautas,

as matérias e o fechamento. Aí eu não titubeio. Eu estou me propondo a dar um curso no segundo semestre, na ECA, de Jornalismo Econômico. Aí eu acho que vai dar para sistematizar não tanto o que eu aprendi sobre jornalismo, mas o que aprendi sobre economia sendo jornalista. Foi o que eu mais aprendi: os vários aspectos da economia do país sobre os quais escrevi e sobre os quais li bastante. Houve três ou quatro campos que eu acabei me semi-especializando, mas eu considero o da economia o mais importante, pois eu tive sorte de estar em Londres numa época de proliferação de literatura de divulgação econômica de bom nível.

**INTERCOM** — *Há algum projeto em desenvolvimento?*

*Kucinski* — Eu faço o *Boletim do P.T.*, que fecho uma vez por mês, o que me toma mais ou menos uma semana por mês. Aliás, mais do que deveria tomar. Trabalho aqui na ECA duas vezes por semana, um trabalho que é bastante exaustivo e faço correspondência para o estrangeiro, onde realmente ganho o meu dinheirinho.

Eu estou escrevendo um livro sobre a dívida externa. Está um pouco atrasado, tem que ficar pronto até agosto. Vai sair pela Brasiliense aqui no Brasil e nós não sabemos ainda lá fora por qual editora ele vai sair. Eu estou escrevendo este livro juntamente com a jornalista inglesa Sue Branford. Então quero terminar o livro até agosto, já está metade escrito, metade não, para em setembro começar este curso de Jornalismo Econômico.

## REVISTAS LATINO-AMERICANAS DE COMUNICAÇÃO

**CHASQUI** — Revista Latino-americana de Comunicação — Assinaturas: US\$ 10,00 — CIESPAL: Apartado 584 — Quito — Ecuador

**Comunicación y Cultura** — Assinatura: US\$ 15,00 — Apartado Postal 21572 — 04000 — México-DF

**Comunicación** — Assinatura: US\$26,00 — Apartado 4838 — Caracas 1010-A, Venezuela

**Materiales para la comunicación popular** — Assinatura: US\$ 25,00 — IPAL — Apartado 270031 — Lima — Peru

**Contratexto** — Assinatura: Universidad de Lima — CICOSUL — Apartado 852 — Lima — Peru

**Signo y Pensamiento** — Assinatura: US\$20,00 — Universidad Javeriana — Carrera 7.º N.º 43-82 — Bogotá — Colombia

UN SERVICIO INFORMATIVO  
PARA UN  
NUEVO ORDEN INTERNACIONAL



**ips**

AGENCIA DE NOTICIAS DEL TERCER MUNDO